

ECOCRÍTICA ROMÂNTICA EM “OS VAGABUNDOS ILUMINADOS” DE JACK KEROUAC

Márcio Macêdo Moreira¹
Mônica Jaciene do Nascimento Macedo²

RESUMO

A presente análise traz uma reflexão sobre o conceito de "ecocrítica" voltado para o livro "Os Vagabundos Iluminados" de Jack Kerouac. O livro trabalha com a relação do escritor com o budismo e simultaneamente com a condição do indivíduo com a Natureza. Como expoente da Geração Beat, que marcou o movimento da contracultura nos Estados Unidos na década de 1950, Kerouac criticou o vazio advindo da modernidade e suas consequências. Na obra "Os Vagabundos Iluminados", o escritor enfatizou a crítica ao culturalismo e à massificação da cultura, fato que marcou sua ecocrítica romântica. A vida em contato com a Natureza foi um dos caminhos para a "iluminação" e o autoconhecimento. Repleto de melancolia, Kerouac influenciou com o exato livro as primeiras gerações de mochileiros, trilheiros e adeptos do isolamento social na segunda metade do século XX. Utilizamos os conceitos de Romantismo e ecocrítica definido por Michael Lowy e Robert Sayre como entendimento para interpretar o contexto e a crítica no momento em que a obra foi escrita

Palavras-chave: Romantismo, Ecocrítica, Geração Beat, Jack Kerouac.

INTRODUÇÃO

A modernidade se destaca como período histórico em que a novidade passou a sobrepujar tudo que é antigo ou arcaico. Na sua retaguarda veio o capitalismo como ideologia econômica e social que definiu um estilo de vida contundente com a modernidade. A ciência, a técnica, a objetividade e a racionalização da vida nos distanciaram da Natureza e propiciou um processo de desencantamento do mundo. A Natureza passou a ser um lugar apenas "selvagem". Como afirmou Max Weber (2006, p. 38-39), "o homem civilizado posto em meio do caminhar de uma civilização que se enriquece continuamente de pensamentos, de experiências e de problemas pode sentir-se cansado da vida, mas não pleno dela".

Na contramão da modernidade, o Romantismo como movimento filosófico, cultural e literário trouxe forte crítica às consequências do capitalismo. Definimos o Romantismo como

¹ Graduado pelo curso de História da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, moreirahistory@gmail.com

² Graduada pelo curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Graduada pelo curso de Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - macedomonica144@gmail.com

“rebelião contra a modernidade capitalista-industrial em nome de valores do passado, pré-modernos ou pré-capitalistas” (SAYRE; LÖWY, 2021, p.11). Assim, o Romantismo ultrapassa o século XVIII e chega até o século XXI ainda como movimento crítico ao capitalismo. Enquanto a mecanização capitalista continuar, o Romantismo também continuará com sua crítica. Além do desencantamento do mundo e da mecanização de tudo o que é natural, os românticos também criticam a dissolução dos vínculos sociais, uma vez que o isolamento social alienou as relações humanas e criou indivíduos gravemente egoístas. Apesar da urbanização concentrar grandes números de pessoas no mesmo espaço, nunca estivemos tão distantes.

Na origem do Romantismo, Jean-Jacques Rousseau, como crítico da racionalidade iluminista, defendeu a convivência e a valorização da Natureza. Para Rousseau, a origem dos males humanos está na apropriação da Natureza. Entendemos que a preservação do Meio Ambiente e a defesa de uma vida mais natural e saudável estão no cerne da crítica romântica. Uma das principais “críticas” ao capitalismo moderno é definido como “ecocrítica”. Tal como definem Robert Sayre e Michael Löwy (2021, p.24)ç

(...) Encontra-se na corrente romântica da crítica social uma forma *sui generis* de consciência que é ecológica em seu sentido mais significativo, um sentido que teve papel essencial no desenvolvimento histórico da ecologia e que continua sendo até hoje uma força potente no protesto e no ativismo ecológico. Talvez podemos definir a atitude (...) como “ecocrítica romântica” - não no significado mais limitado que costuma ser atribuído ao termo “crítica”, mas de forma mais ampla, mas como uma revolta cultural e moral radical contra os danos resultantes da interação das sociedades humanas modernas com a natureza, em nomes de valores qualitativos perdidos na modernidade.

Ao partir deste pressuposto, *Os Vagabundos Iluminados* de Jack Kerouac se enquadra como ecocrítica romântica. Ainda mais quando o consumismo como cultura estava em uma fase primordial nos Estados Unidos na década de 1950.

A geração de jovens que viveram na década de 1950 começou ao ver a realidade diferente da geração que presenciou a Segunda Guerra Mundial. Todo o sacrifício nos campos de batalha impunha o patriotismo como modo de vida. Na esteira da vida patriótica estava a negação dos valores socialistas e a imposição de uma ideia limitada de liberdade. Mas as contradições do *I Want You* do tio Sam tinha as bombas atômicas que massacraram Hiroshima e Nagasaki para forçar a rendição do Japão como possibilidade de extinção da espécie humana, ou seja, um medo real da destruição de toda a realidade. O governo do general Dwight D. Eisenhower (1953-1961) - herói de guerra - propunha impor um modelo moralista e anticrítico na sociedade americana. A perseguição aos “comunistas” ou as todas as ideias

relacionadas a União Soviética estabeleceu um regime autoritário e de extrema vigilância nos Estados Unidos. A Guerra Fria impôs dois modelos de mundos que inibiam a liberdade de pensamento e simultaneamente tinha na industrialização o modelo de sociedade ideal. Capitalismo contra Socialismo, a vida se resumia a umas das bolhas ideológicas.

Para estabelecer seu regime político e social, o Capitalismo americano incentivou a expansão do *American Way of Life*. A felicidade estava no padrão de vida confortável advindo do consumo. Ser feliz era ter uma casa padrão, carros modernos, eletrodomésticos, ser um bom pai e marido com um bom emprego ou uma dona de casa que cuida da feira no supermercado assim como cuida de um casal de filhos. Daí se divulgava o *American Dream* e que negava este padrão, era tido como excluído da sociedade.

Foi justamente nesta sociedade autoritária, consumidora e que estabelecia um padrão de vida ideal que as vozes da Geração Beat começaram a propagar. A Geração Beat foi um movimento literário de jovens que estavam no “subterrâneo” da sociedade de consumo. Entre eles se destacaram Allen Ginsberg, Jack Kerouac, William Burroughs, Gary Snyder, Gregory Corso e Lawrence Ferlinghetti. Sendo que a principal voz foi o próprio Jack Kerouac. O movimento inaugurou a exposição da contracultura na sociedade americana, em busca de uma nova perspectiva de mundo, o *status quo* artístico e cultural dos Estados Unidos foi posto em decadência em nome de um futuro mítico e livre da sociedade de consumo. Não foi por acaso que nas décadas de 1960 e 1970 a contracultura e o movimento *hippie* questionaram as bases do sistema político e cultural dos Estados Unidos.

A rebelião da Geração Beat adentrou atômico método de escrita. Tanto a poesia quanto a prosa seguiam um ritmo livre e diverso, diferente da mentalidade acadêmica da época. As memórias dos momentos alegres e de êxtase eram descritos de forma dinâmica. Kerouac utilizava papel manteiga e colava as folhas para datilografar sem interrupção, em ritmo frenético, tal como um *jazz* dançante. Tratado como “subliteratura”, o Movimento Beat negligenciou as normas e as técnicas que poderiam limitar a escrita.

Os temas tratados pela Geração Beat são diversos, mas a crítica ao capitalismo moderno está presente praticamente em todos os autores. O *Jazz* - estilo musical originado em Nova Orleans – incentivou e inspirou vários escritores, presente em prosas e poesias, a energia derivada da música deu suporte a rebeldia de uma geração. Na esteira do *jazz*, as festas, as orgias, o consumo de drogas e as viagens estavam sempre presentes. A Natureza e a vida simples também eram valorizadas, mas não era constante na vida dos beatniks.

Para Claudio Willer (2014, p.14):

A matriz partilhada por eles consiste na críica. Ou melhor, em uma dupla críica, imanente e transcendente. Imanente por dirigir-se contra a ordem estabelecida, os poderes vigentes em um dado momento, alvos da rebelião. E transcendente, metafísica por expressar uma cosmovisão segundo a qual a realidade imediata, sensível, é falsa, devendo ser substituída por um mundo melhor, mas justo e harmônico; pela reconquista do paraíso perdido, do estado adâmico.

O “paraíso perdido” que nega a falsa realidade da modernidade capitalista é a vida simples e natural, sem dinheiro. É de fato experimentar o sentimento de estar em contato com a montanha, com os rios, em espaço aberto, onde nada é cobrado em troca dessa experiência. Se a matriz do movimento é a críica, a ecocríica está presente ao valorizar a vida simples e natural.

Jack Kerouac enxergou na Natureza uma escapatória da sociedade de consumo. Descendente de franceses que migraram para o Canadá, a família Kerouac se estabeleceu na pacata cidade de Lowell em Massachusetts, desde criança teve pensava em ser escritor, após abandonar a ideia de ser jogador de futebol, Kerouac mudou para Nova York, no “centro do mundo”. Em Nova York ele estabeleceu amizade com Alen Ginsberg e Neal Cassady. Este último foi a fonte de inspiração para Dean Moriarty, parceiro de estrada de Sal Paradise no livro *On The Road*, que elevou Kerouac ao estrelato. *On The Road* transcreve as viagens da dupla pelos Estados Unidos e pelo México. Repleto de drogas, sexo, liberdade e jazz, o livro foi um marco da contracultura. Escrita de forma frenética, a busca pelo sentido da vida perpassa as diversas experiências da dupla.

A vida literária de Kerouac se divide em fases que vão de Lowell até Nova York, passa por San Francisco e retorna a Nova York. Seus livros narram experiências autobiográficas. Entre suas principais publicações estão: *Cidade Pequena, Cidade Grande* (1950); *On The Road* (1957); *Os Subterrâneos, Os Vagabundos Iluminados* (1958); *Visões de Gerad* (1976); *Visões de Cody* (1872) e *Despertar: Uma vida de Buda* (2008).

Em suas experiências narrativas percebe-se a heterodoxia religiosidade de Kerouac. A busca do divino e seus significados o levaram a adentrar diversas hierofanias. Assim foi do catolicismo ao budismo e no final de sua carreira, retornou ao catolicismo. Tanto em *On The Road* quanto em *Os Vagabundos Iluminados* evidencia-se a busca mítica pela “face de Deus”. Especificamente no budismo, esta “face” que Kerouac tanto buscava foi experimentada nas montanhas de Matterhorn Peak.

Os Vagabundos Iluminados foi publicado em 1958 nos Estados Unidos com o nome original *The Dharma Bums*, numa tradução mais próxima do inglês a obra denomina-se “os vagabundos do dharma”, fato que recorre aos jovens literatos de San Francisco que flertavam

com o budismo. A obra narra a parceria entre Raymond Smith (Jack Kerouac) e Japhy Ryder (Gary Snyder), o primeiro era um jovem que escrevia de forma frenética e o segundo um jovem budista zen que praticava montanhismo e traduzia haicais. A parceria era uma maneira de ambos melhorarem suas práticas de escrita. Em comum, estes jovens criticavam a sociedade consumista norte-americana e tentavam compreender a vida a partir da filosofia zen-budista.

Por residirem próximos, os jovens se encontram cotidianamente e realizam “rituais” a base de bebidas, chás e leituras orientais. Uma das experiências marcantes é a erotização do budismo dinamizado no *Yab Yum*. Mas boa parte da narrativa descreve a experiência de subir o Matterhorn, a maior montanha localizada no leste central da Califórnia, fronteira com o Nevada. Durante essa narrativa que ambos os jovens criticam o estilo de vida norte-americano e valorizam a vida simples na Natureza.

Percebe-se que a atividade do montanhismo é uma maneira de se atingir a iluminação. O isolamento e o contato direto com a Natureza - a partir da escrita frenética de Kerouac – nos transportam para os lagos, as pedras e a vegetação da montanha. Durante a noite, as estrelas é um espetáculo a parte. O esforço, o desafio e o medo de subirem a montanha representam as psicologias dos personagens durante suas sagas. Simultaneamente, buscam fugir de comparações com a civilização, mas tal fato fracassa no desenvolvimento da narrativa.

A ecológica pode ser observada na admiração que Smith possui por Japhy. O companheiro budista teve uma vida desprendida do “dinheiro” e com isso adquiriu a sabedoria sobre o sentido da vida. Narrado por Smith em primeira pessoa Japhy Ryder (KEROUAC, 2913, p. 393):

(...) desde o início um menino do mato, capineiro, sitiante, interessado em animais e lendas indígenas (...). Acabou aprendendo chinês e japonês e se transformou em catedrático em estudos orientais e descobriu os maiores Vagabundos do Dharma, os zen-lunáticos da China e do Japão.

Percebe-se na descrição que Japhy é um sujeito marginal da sociedade que veio do campo e adotou uma filosofia desligada do consumismo. O tipo ideal de um vagabundo que não necessita do dinheiro para viver. Junto com outros personagens, ocorreu o que se denominou de Renascimento da Poesia de San Francisco onde em noitadas a base de jazz e álcool, os vagabundos iluminados recitam suas construções poéticas inspirados no budismo e nos haicais do zen.

Para Japhy, o budismo é uma filosofia cr flica da sociedade americana, como o mesmo afirma, “os americanos não sabem viver” (2013, p.397). O vazio da civilização é inexplicável e só é percebido quando se está em estágio de meditação e a caminho da iluminação. O budismo trouxe mudanças importantes na vida do personagem, pois coincidiu com suas cr flicas aos Estados Unidos.

Quando descobri o budismo e tal, de repente senti que já tinha vivido em um tempo passado havia muitas eras e agora por causa dos erros e dos pecados naquela vida eu estava sendo degradado a um domínio mais doloroso da existência e meu carma era nascer na América, onde ninguém se divertia nem acreditava em nada, principalmente na liberdade. (KEROUAC, 2013, p.409)

Uma das principais influências do budismo na vida de Japhy foi o pensador chinês Han Shan, figura enigmática que “viveu” durante a dinastia Tang. As histórias dizem que ele se isolou nas montanhas para encontrar a iluminação e passou a viver apenas dos recursos que a montanha tinha a oferecer. Han Shan: “ele era poeta, homem da montanha, budista dedicado (...). Ele era um homem solitário que sabia se virar sozinho e viver pura e verdadeiramente para si mesmo” (KEROUAC, 2013, p. 403).

Os haicais – gênero da poesia japonesa zen – era outra ligação entre o budismo e a natureza. Formado por três versos, eles descreviam a estética imediata do que se experimentava na natureza. Japhy era um tradutor de haicais e simultaneamente escrevia seus próprios versos enquanto praticava o montanhismo. “Um verdadeiro haicai tem que ser tão simples que nem um mingau e ainda assim, fazer você enxergar a coisa como ela é”. (KEROUAC, 2013, p. 429).

Para Japhy é odioso comparar a Civilização com a Natureza, são dois vazios. A caminhada na montanha é para esquecer e não comparar. Para viver e não lembrar. Para se desprender da América, é necessário desligá-la completamente, por isso, ao analisar os discursos de Japhy, a não comparação passa a ser uma tarefa quase impossível. Assim o sentimento de subir o Matterhorn levava sempre à comparação:

“(...) Não precisa de dinheiro nenhum, tudo do que necessita está dentro de sua mochila com aqueles pacotinhos de comida desidratada e um bom par de sapatos e lá vai ele desfrutar os privilégios de um milionário em um ambiente desses. Mas de qualquer modo, que milionário doente conseguiria chegar a esse rochedo?” (KEROUAC, 2013, p.442).

Há momentos durante a subida da montanha que Smith entra em êxtase e questiona o fato da necessidade de drogas para elevar a consciência. Viver na montanha, segundo o personagem, ensina o que realmente importa. O zen-budismo como filosofia valoriza a prática

cotidiana para estabelecer a disciplina do que realmente é necessário. Essa maneira de pensar ultrapassa a crítica à modernidade capitalista ao colaborar com uma autocrítica. Ao ter consciência do que realmente é necessário, estaremos respeitando os limites da vida com a natureza. Essa é a principal lição da montanha.

A consciência crítica e filosófica do montanhismo estava na contramão do *american way of life* e previa num futuro próximo uma revolução nos costumes dos jovens norte-americanos.

(...) o bardo zen-lunático dos antigos caminhos do deserto, vê a coisa toda como um mundo cheio de andarilhos de mochilas nas costas, Vagabundos do Dharma que se recusam a concordar com a afirmação generalizada de que consomem a produção e portanto precisam do privilégio de trabalhar pelo privilégio de consumir, por toda aquela porcaria que não queriam, como refrigerantes, aparelhos de TV, carros, pelo menos os carros novos e chiques (...) todos eles aprisionados em um sistema de trabalho, produção e consumo, trabalho, produção, consumo, tenho a visão de uma grande revolução de mochilas, milhares ou até milhões de jovens americanos vagando por aí com mochilas nas costas, subindo montanhas para rezar (...) (2013, p. 457).

Percebe-se na ecológica de Kerouac e em sua relação com a Natureza a continuidade do Romantismo tal como foi conceituado neste trabalho. Não se tratou de um questionamento econômico do sistema capitalista, mas da descrença do sistema como um todo. Apesar de negar a comparação, o vazio da Civilização se distancia do vazio da Natureza a partir do momento em que se tem consciência deste vazio, dessa consciência que deriva a iluminação dos vagabundos do dharma.

O desencantamento do mundo é uma crítica do romantismo presente em *Os Vagabundos Iluminados*. Mas a obra não para na crítica (ou ecológica), ela busca constantemente encantar o mundo a partir dos atrativos da montanha. Foi uma nova vida que se abriu para Raymond Smith (o próprio Kerouac) de encontro com o mundo com a face de Deus. Então, o livro transcende a vida simples na natureza ao explicar a importância da espiritualidade em nossas vidas.

As mudanças climáticas são fatos mais concretos que nos levam a questionar a modernidade capitalista. A sustentabilidade é uma maneira lógica e racional para objetivar o futuro, mas não determina uma nova consciência com a vida simples e natural, não reencanta o mundo. Apesar disso, o montanhismo é uma prática que tem crescido nos últimos anos, tal como profetizou Japhy, milhares de pessoas com mochilas nas costas fazem trilhas, rapéis e corridas de montanhas, a natureza volta dar sentido a nossa existência.

Dedicamos e agradecemos as nossas filhas a motivação da escrita deste artigo. Ingrid Ilarina e Ísis Maria.

REFERÊNCIAS

KEROUAC, Jack. **On The Road; Os Subterrâneos; Os Vagabundos Iluminados**. Tradução de Eduardo Bueno, Paulo Henrique Britto, Ana Ban. Porto Alegre. L&PM, 2013.

SAYRE, Robert; LÖWY, Michael. **Anticapitalismo Romântico e Natureza: O Jardim Encantado**. Traduzido por Rogério Bettoni. São Paulo. UNESP, 2021.

WEBER, Max. **Ciência e Política: Duas Vocações**. Tradução de Jean Melville. Martin Claret. São Paulo, 2006.

WILLER, Claudio. **Os Rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico**. Porto Alegre. L&PM, 2014.